

Nostalgia

Em 2013 eu resolvi que iria conhecer o Rio Grande do Sul. Minha última parada: um museu de miniaturas em Gramado. No final do passeio me deparei com a enorme miniatura do Museu do Ipiranga. E parei. Uma saudade imensa me invadiu. Essa saudade tinha cheiro. Se eu pudesse deixar o cheiro registrado aqui, como fazem com os perfumes em revistas de cosméticos, você iria esfregar o pulso, sentiria esse mesmo cheiro que eu senti e entenderia todo o sentimento que me invadiu. Cheiro de infância.

Voltei para São Paulo, não dormi durante o vôo, perguntava, dentro da minha cabeça, como eu tinha esquecido aquele cheiro. Quando cheguei em casa corri para minha caixinha de fotos, olhei uma por uma. Todas as fotos em que eu estava no Museu do Ipiranga separei em um montinho diferente. Uma, duas, três, quando terminei eram doze fotos. Aquele cheiro de infância, de grama e de sol invadiu meu apartamento. A saudade batia junto com as batidas do meu peito e aos poucos as fotos foram se transformando em memórias reais.

Voltei 18 anos no tempo. Minha mãe me arrumava, prendendo meu extenso cabelo, enquanto minha irmã não parava quieta e recebia promessas de que se não obedecesse ficaria ali em casa mesmo. Saíamos impecáveis rumo ao Museu do Ipiranga. Não consigo lembrar direito quando foi a primeira vez que a minha mãe me levou lá, provável que minha irmã ainda nem tinha nascido, mas desde que eu me entendi por gente o museu estava lá e o jardim também. Eu sabia quando o museu estava chegando, era o cheiro. Aroma de felicidade. Assim que chegava, eu corria pelo jardim solta, livre, sob as vistas da minha mãe e, pra mim, não tinha amanhã. Enquanto ainda estávamos

arrumadas, passeávamos pelo museu e sempre dávamos uma paradinha especial para olhar o quadro da Imperatriz Leopoldina com seus filhos. Logo depois corríamos para fora do museu. Minha mãe tirava a última foto do dia em que eu e minha irmã ainda estávamos arrumadas e, pronto, liberdade.

Primeira coisa que fazíamos quando estávamos no jardim era escorregar, juntas, pelo corrimão da escada. Eu e minha irmã nos abraçávamos no topo do corrimão e descíamos gritando. Um dia minha mãe bateu uma foto da gente escorregando, eu apertava bem forte a minha irmã com medo que caísse. Depois nos escondíamos pelos arbustos. Minha mãe me achou. Tirou uma foto para lembrar que eu não sabia me esconder muito bem. Minhas faces vermelhas, os cabelos um fio de cada lado. Um sorriso doçura. Corríamos mais uma vez pelos jardim. Depois fazíamos um piquenique e a última foto do dia. Pés sujos, roupas sujas, as bochechas vermelhas, os cabelos bagunçados. Felizes, eu e minha irmã, ficávamos em um abraço apertado até escutar o clique da câmera. Voltávamos para casa e eu só pensava quando que iríamos voltar para lá, para aquele lugar com cheirinho de felicidade. Na minha última visita, minha mãe me deu um caderninho que comprou na lojinha do museu. A capa desse caderno era aquele quadro da imperatriz com seus filhos. Claro, minha mãe tirou uma foto minha segurando o caderninho, ainda arrumada, na frente do museu, me liberando em seguida para correr no jardim. Quando voltei para casa aquele dia e escrevi o meu primeiro diário. Inaugurei as páginas escrevendo como meus dias no museu eram inesquecíveis. Minha irmã quis ler e eu não deixei. Que atrevimento. O diário foi para um lugar secreto livre de irmãs bisbilhoteiras. Cresci mais um pouco e o diário cresceu comigo. Assim a Imperatriz Leopoldina e seus filhos guardaram minhas palavras sobre o meu primeiro

amor. Escrevi quando ele veio pela primeira vez na minha casa, na festinha do meu aniversário e elogiou meus cabelos bagunçados. Conte para Leopoldina sobre as brigas dos meus pais. Então as páginas acabaram. O casamento dos meus pais também. Minha mãe nos levou para longe e meu diário da Imperatriz Leopoldina com seus filhos ficou perdido em algum lugar de São Paulo.

Guardei as fotos de volta na caixa. O cheirinho de infância já tinha ido embora. A verdade: eu nunca tinha perdoado meu pai pela separação. Por ter me tirado aqueles dias de brincadeiras pelos jardins do museu. Por ter me tirado a família. Naquele mesmo momento meu pai sobrevivia através de tubos, em algum leito, de algum hospital de São Paulo.

No dia seguinte fui visitar meu pai, depois de alguns anos sem vê-lo. Quando entrei no quarto e segurei sua mão fria, um ventinho entrou pela janela, junto com ele um cheiro de café e outro... outro cheiro. Um cheiro conhecido. Um aroma de felicidade, de grama, de sol, de infância. Então eu soube que ia ficar tudo bem. Voltei muitos outros dias, mesmo com ele em coma, contava para o meu pai como eram os dias correndo pelo jardim do museu quando eu era pequena. Disse que quando ele acordasse ia mostrar as fotos. E, um dia, ele acordou. Minha irmã me ligou, me deu duas boas notícias: o pai saiu do coma, está no quarto e você vai ser titia. Eu não tinha me enganado, aquele vento que entrou pela janela era mesmo cheiro de infância.